

ARTE . VISUAL . ENSINO
Apoio Pedagógico Virtual

HISTÓRIA DA ARTE:
O século XX até 1960

Professor Doutor

Isaac Antonio Camargo

Intervenção e Instalação.

Parte 8

Curso de Artes Visuais
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

O advento do Modernismo coloca em debate novas proposições artísticas e, para tanto, apresenta novas Estratégias Discursivas.

As manifestações artísticas são realizadas de várias maneiras, dependente da modalidade expressiva na qual ocorre.

Substâncias expressivas, habilidade, técnicas e instrumentos são necessárias em diversas manifestações, cada qual com sua especialidade, independente do propositor ser ou não quem realiza a obra.

Se no contexto da Academia as habilidades técnicas e manuais eram priorizadas, no Modernismo, o que se espera é que os artistas sejam os propositores e, ao mesmo tempo, realizadores de suas obras, ou tenham com os prestadores de serviço (fundidores, montadores, impressores, etc) uma relação mais próxima. Pesquisar novas possibilidades em relação aos materiais, às técnicas e soluções resulta em novas estratégias, em geral, não usuais, assim abrem novos caminhos.

Aos poucos o conceito de “técnica” vai perdendo sua funcionalidade e não se aplica mais com tanta facilidade. Por isso uso o conceito de Estratégia Discursiva, pois não são só as habilidades psicomotoras que estão em jogo, mas sim diversos passos ou elementos congregados ou coordenados para a realização de Obras de Arte. Fazer Arte Visual não é apenas dominar técnicas, mas conceber novos modos de fazer.

No contexto da Arte Visual, desde o final do século XIX e até a metade do século XX, presenciamos várias mudanças que foram, aos poucos, abdicando das técnicas e habilidades e constituindo um campo de pesquisa e inovação que só se ampliou desde então.

Não só em relação aos materiais, mas também com os processos técnicos e tecnológicos que se associaram às proposições estéticas.

Neste sentido, não só técnicas, materiais e habilidades mudam, mas também os modos de criar e apresentar e apreciar as criações artísticas.

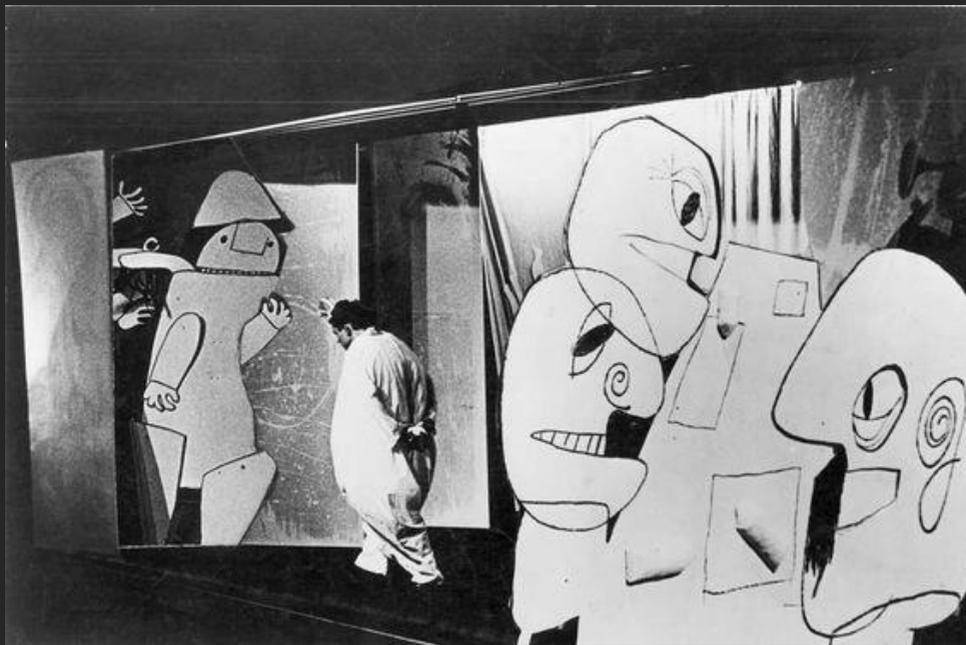
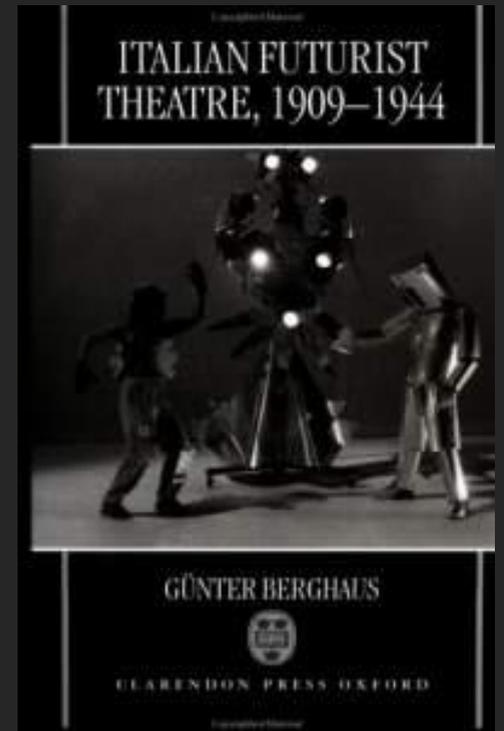
A Arte Visual não é mais definida pelos suportes ou pelos materiais que a constituem, mas pelos conceitos, processos, apresentações, ocupações, intervenções e outros modos de estar no mundo que não apenas na materialidade de uma tela ou de outro suporte qualquer.

A destituição do suporte possibilitou o desenvolvimento de uma “Arte Não Objetual” e o deslocamento da expressão artística para um outro patamar expressivo que não se vinculava mais ao contexto matérico, mas ocorrências, proposições, instalações, intervenções que subsidiaram o caráter estético da criação artística nos quais poderiam ser realizados simplesmente por um ato, uma fala ou um gesto.

As atitudes passam a ser também elementos de expressão de grande importância para a Arte Moderna. Os Futuristas, depois os Dadaístas e, mais tarde, os Surrealistas dentro de suas digressões expressivas, realizavam apresentações nas quais desenvolviam textos sem lógica narrativa, como as poesias de Alfred Jarry e de Marinetti. Criavam personagens inusitados com figurinos inventados e cenas sem sentido aparente.

Isto passou a se chamar Happening ou Performance. Tanto um modo quanto outro, são Estratégias Discursivas que a Pós-modernidade consagrou.

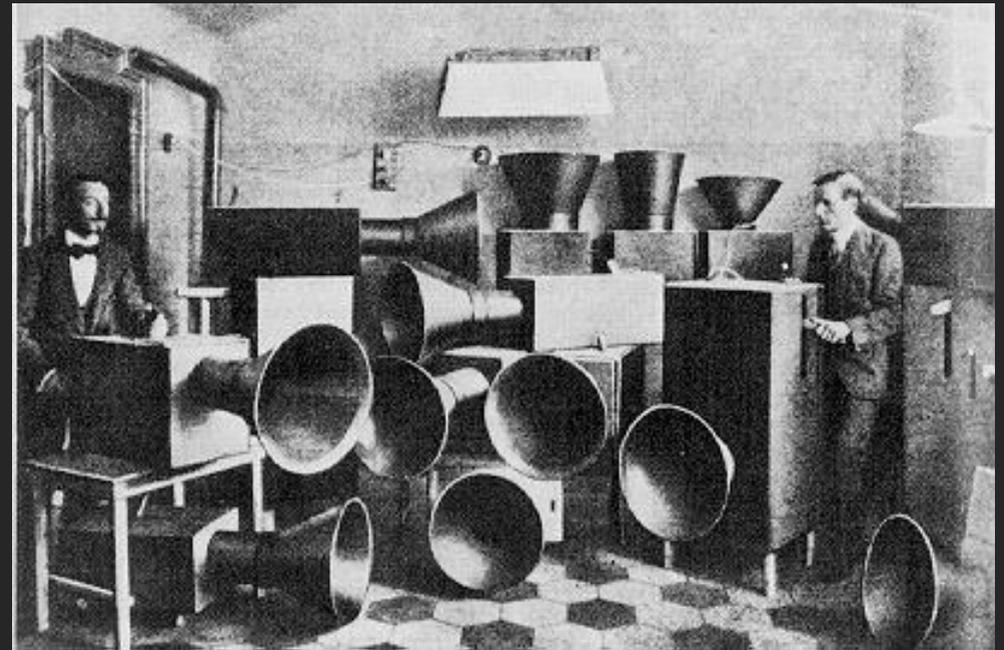
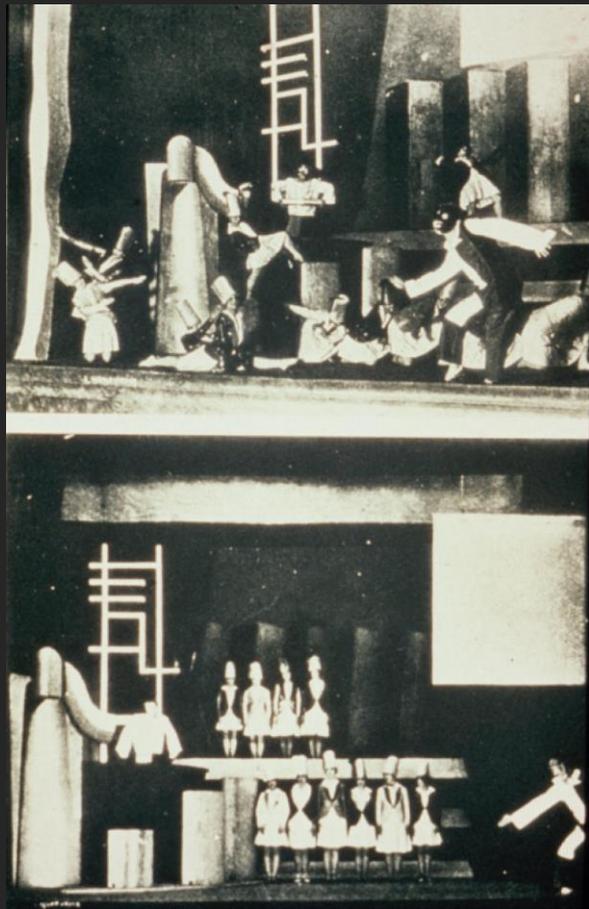
Rei Ubu foi uma das primeiras performances Futuristas, criada por Jarry. Nela era repetida a palavra “merdre”, que por lembrar a palavra “merda” causava rebuliço e incredulidade na apresentação. No teatro, os músicos, no fosso da orquestra, protagonizavam cenas de pancadaria e o público manifestava-se com aplausos ou vaias. Duas apresentações no Teatro de l’Oeuvre consagrou o espetáculo.



Cenas do Rei Ubu

<https://www.youtube.com/watch?v=5SI19Vhbb3M>

Marinetti, em Abril de 1909, apresentou ao público a sua peça *Le Roi Bombance* – uma sátira à revolução e à democracia.



Também surgiram as ocupações espaciais que depois foram chamadas de Instalações.

Em suma pode-se dizer que as matrizes da Arte da Pós-modernidade surgiram a partir do Modernismo e, em especial, com o Futurismo, o Dadaísmo e o Surrealismo, movimentos nos quais a liberdade de expressão passa a ser um dos valores mais caros.

O Processo é uma estratégia discursiva de caráter Conceitual na medida em que o desenvolvimento ou encadeamento de ações e atos produtivos passam a ser mais importantes do que o resultado final. Não há necessariamente uma meta ou objetivo a ser alcançado, mas sim o procedimento, o percurso o processo em si é a própria Obra. Um dos teóricos a tratar dessas questões foi Umberto Eco, em seu livro “Obra Aberta”.

O resultado do processo, nem sempre é nomeado de Obra de Arte, conforme o conceito tradicional, muitas vezes é apenas o resíduo do processo, uma espécie de memória, em geral transitória, um registro precário ou mesmo subproduto que acaba sendo tomado por obra dentro do Sistema de Arte, entretanto, esta não é isso que os processos e procedimentos performáticos ou processual requerem, mas sim o modo e meios através dos quais o artista busca estabelecer a interação com o público.

Nestes casos, o que se quer é compartilhar a experiência ou vivência estética. Este é um modo novo de apreciação artística, o público é instado a compartilhar, intervir e vivenciar o processo criativo atuando como um coadjuvante da produção artística em tempo real. São as vivências que movem a apreensão estética/estética e não o que sobra no decorrer do processo.

Este tipo de obra não visa e não resulta em objetos ou coisas para se guardar ou apreciar, que poderiam acabar como peças de museu, mas como um processo ou percurso dinâmico em si mesmo.

Pode-se dizer então que toda Arte não Objetual é focada na proposição, no processo ou percurso e não só no resultado final. Tais experiências estéticas são um modo de partilhar ativamente o processo criativo no qual o artista é o gestor e o público seus parceiros de criação.

É praticamente o mesmo que encontramos nas manifestações artísticas do teatro ou da música, nas quais a experiência estética/estética interativa é prioritária e determinante neste universo.

As reflexões dos estudiosos da Arte, da década de cinquenta para cá, apontam para estas novas Estratégias Discursivas e passaram a valorizá-las de tal sorte que hoje em dia Performances, Instalações e Intervenções são atos corriqueiros no contexto da Arte atual.

Tais proposições são exemplos de como ocorreram transformações discursivas na Arte Visual e como elas passaram a fazer parte da “normalidade” da Arte Contemporânea desde a Modernidade até serem nomeadas de Pós-modernidade onde as manifestações artísticas passaram a operar por meio de sistemas mais complexos de expressão que a concepção tradicional de Arte não atendia mais.

Teóricos como Umberto Eco e Rosilee Goldemberg, apontam novos meios de acessar e compreender estas novas proposições identificando novas categorias estéticas, que podemos chamar de Novas Estratégias. Nesse caso, a Arte Visual também assume atitudes performáticas e amplia seu campo discursivo sem se tornar necessariamente Teatro ou Música.

Os limites, bordas, fronteiriças que separavam as diferentes Poéticas foram se diluindo e hoje em dia não é fácil dizer se algo é uma escultura, instalação ou intervenção... Não mais separações, mas intersecções sincréticas de uma área expressiva com outra, como vimos nas peças futuristas.

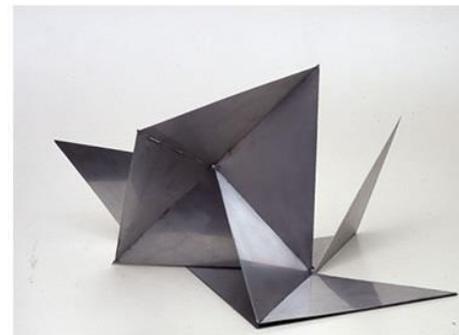
Happenings, Performances, Arte Ambiental e Intervenções de toda ordem passam a ocupar o ambiente da Arte Visual com mais frequência e a estabelecer relações antes não pensadas.

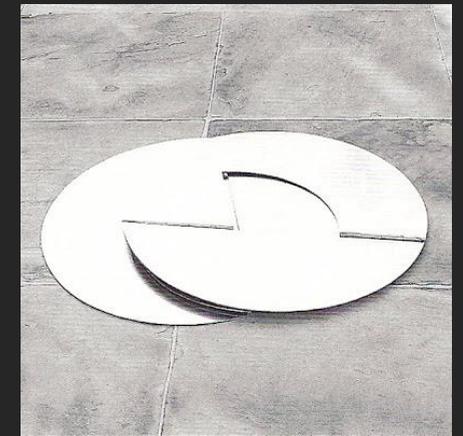
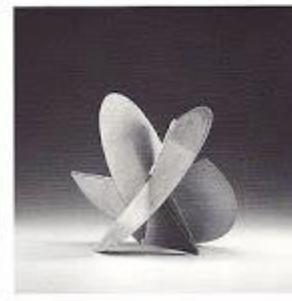
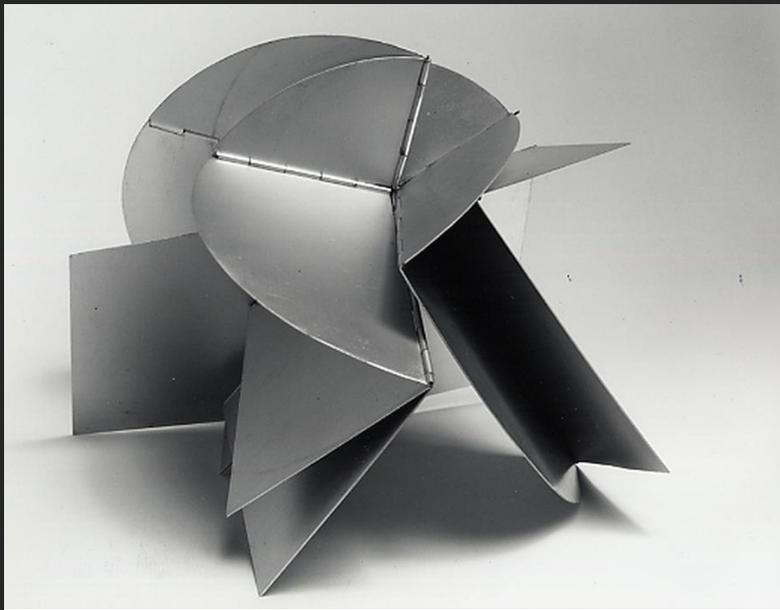
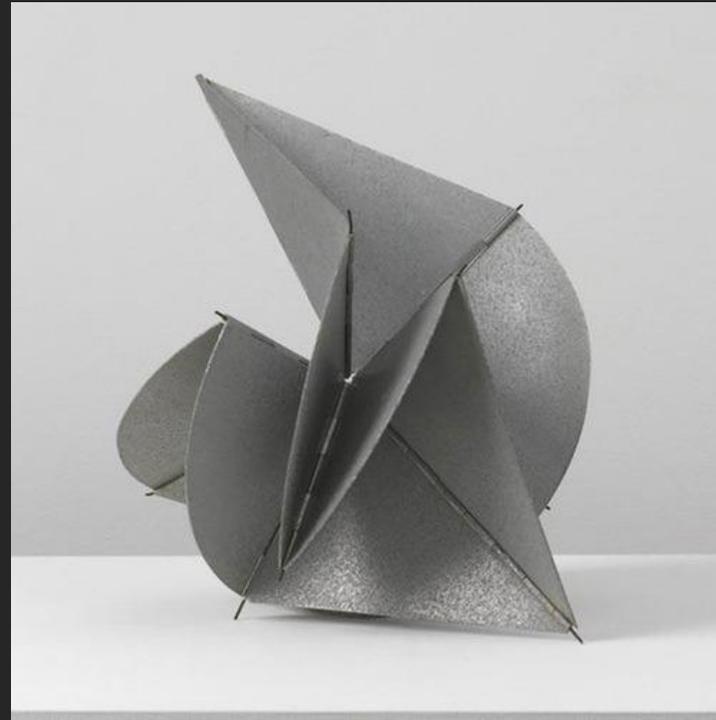
Assim muitas manifestações de caráter conceitual, propositivas, intervencionistas se tornaram *Modos* de fazer Arte deixaram para trás o Niilismo e a ideia de Anti-Arte como haviam intuído os Dadaístas. Nesse caso o que começou como atitudes de ironias e sarcasmos se tornaram Estratégias Discursivas e isto ampliou e enriqueceu o mundo da Arte.

Umberto Eco, em 1968, no livro *Obra Aberta*, destaca uma tendência pós-moderna: a possibilidade de intervenção/interação com a Obra de Arte por parte do leitor/fruidor.

De espectador passivo o apreciador da Obra passava a ser um coparticipante com direito à coautoria, ou seja, o fruidor também decide *como* fruir a Obra.

No Brasil podemos encontrar exemplos disso nos Bichos de Lygia Clark, que assumem este papel de autorizar a manipulação da obra pelo leitor/fruidor/espectador.





Lygia Clark,
Bichos

Em 1988 Rosilee Goldberg publica a Arte da Performance, um livro que busca, a partir do Futurismo, as manifestações onde os artistas passam a utilizar o corpo como motor da obra, ou seja, o artistas/performer realiza uma atividade expressiva a partir de sua ação, intervenção no meio e/ou com o público. Observa o surgimento de experiências estéticas compartilhadas ou dirigidas.

O desenvolvimento do sistema videográfico possibilitou aos artistas documentarem seus processos criativos a partir do registro do fluxo contínuo da criação.

Antes só a câmera cinematográfica possibilitava isto com alto custo operacional e material.

O vídeo eletrônico reduziu muito o custo do processo de registro, possibilitando ainda a regravação de fitas quando necessário.

O videocassete se torna um aliado a Arte Performática e possibilita, inclusive, o desenvolvimento da Videoarte ou do Vídeo de Artista, tanto um quanto outro transformou a performance em documento e, ao mesmo tempo, em obra com disponibilidade e acesso a qualquer momento. O advento das tecnologias digitais ampliou ainda mais estes procedimentos incorporando softwares e a rede mundial de computadores.

https://www.youtube.com/watch?v=vHPYYJuhbEw&index=9&list=PLEvV2fF9qOC8vcHKGw9AuAED4TAs_yuVM

O Vídeo não é mais só um aparelho documental, mas também expressivo, somando mais estratégias aos processos criativos anteriores dos artistas.

Um exemplo deste uso é a performance de Yoko Ono.

<https://www.youtube.com/watch?v=IYJ3dPwa2tl>

Ou as de Marina Abramovic:

<https://www.youtube.com/watch?v=t-j0Ey2O4HU>

<https://www.youtube.com/watch?v=TTV9kBcmQGE>

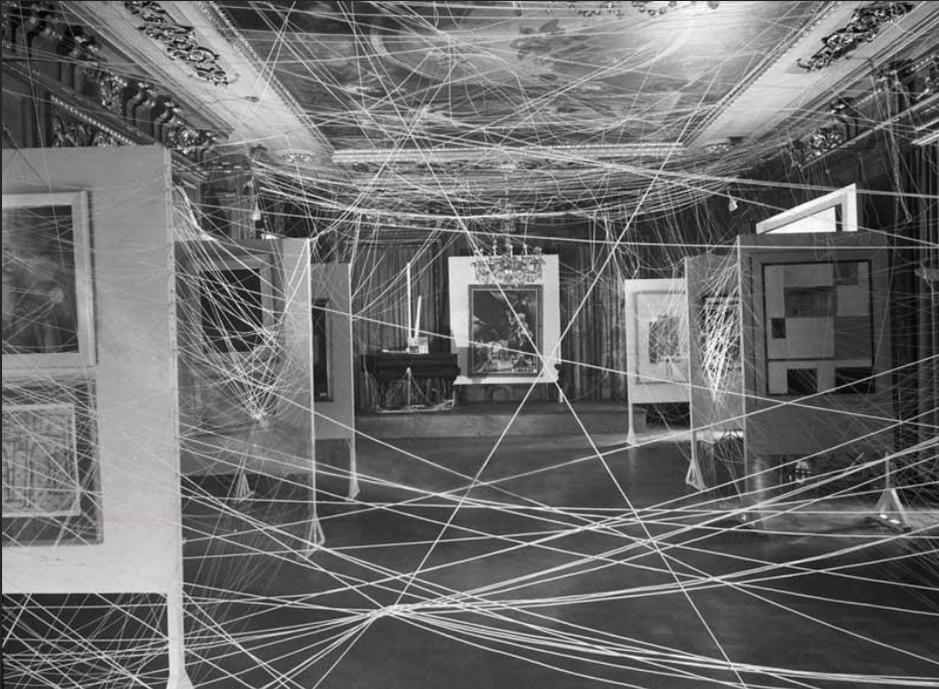
https://www.youtube.com/watch?v=ihDy3dD-iUg&list=PLEvV2fF9qOC8vcHKGw9AuAED4TAs_yuVM&index=3

Aqui demos um salto para além da década de 60, justificado pois muito do que se faz em Arte não tem delimitações temporais precisas, mas decorrem de um fluxo contínuo. Assim nem tudo é de um tempo ou de outro, mas decorrem de variações relativas a novos procedimentos criativos que operam por meio de recursos e insights sem prever tempo ou lugar.

Lugar, entendido como espaço indica tanto o ambiente de uma galeria ou museu até o meio ambiente urbano ou natural como um modo de suportar e promover novas vivências e ocupar novas dimensões estéticas, antes não tão frequentes.

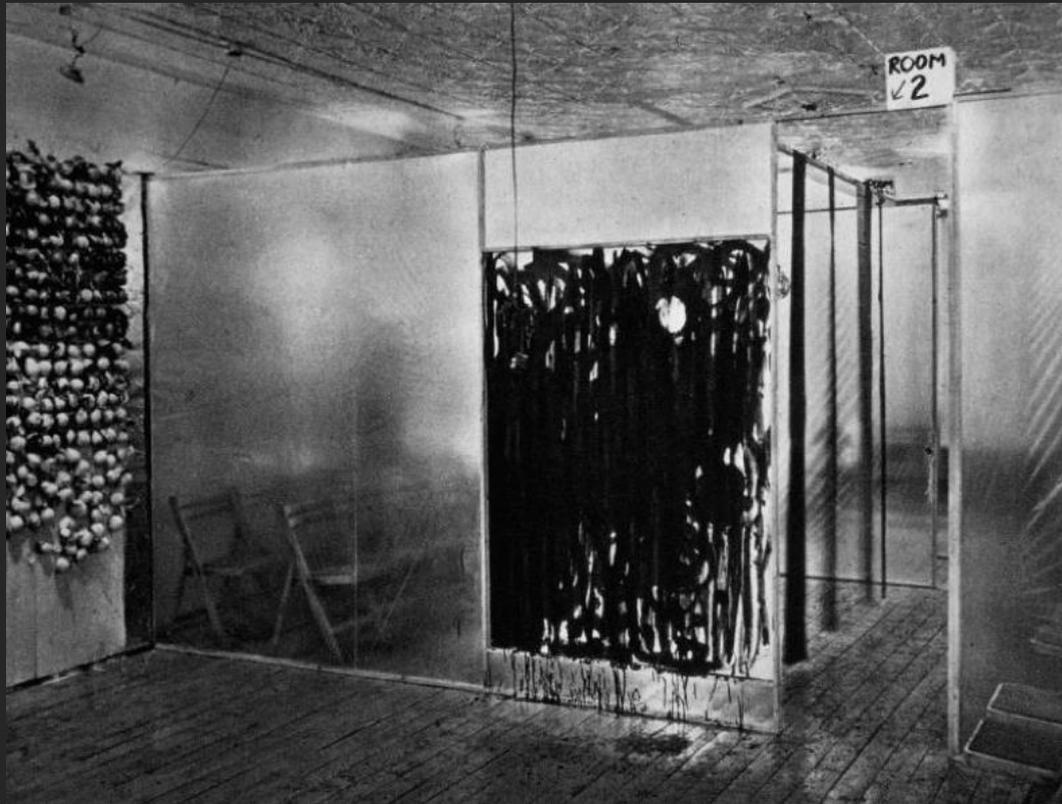
As instalações capitaneadas pela Arte Ambiental, Land Arte ou Environmental Art passam a fazer parte destes novos modos e a seduzir novos artistas e novos segmentos públicos.

Para pensar como surgiram as Instalações e se desenvolveu a ocupação do espaço, pode-se voltar a 1942, quando Marcel Duchamp, (1887-1968) instala a “Milha de Barbante” na exposição: “Papéis do Surrealismo” em NY.



Em 1938, Duchamp já havia instalado “1.200 sacos de carvão”, na Exposição Internacional do Surrealismo

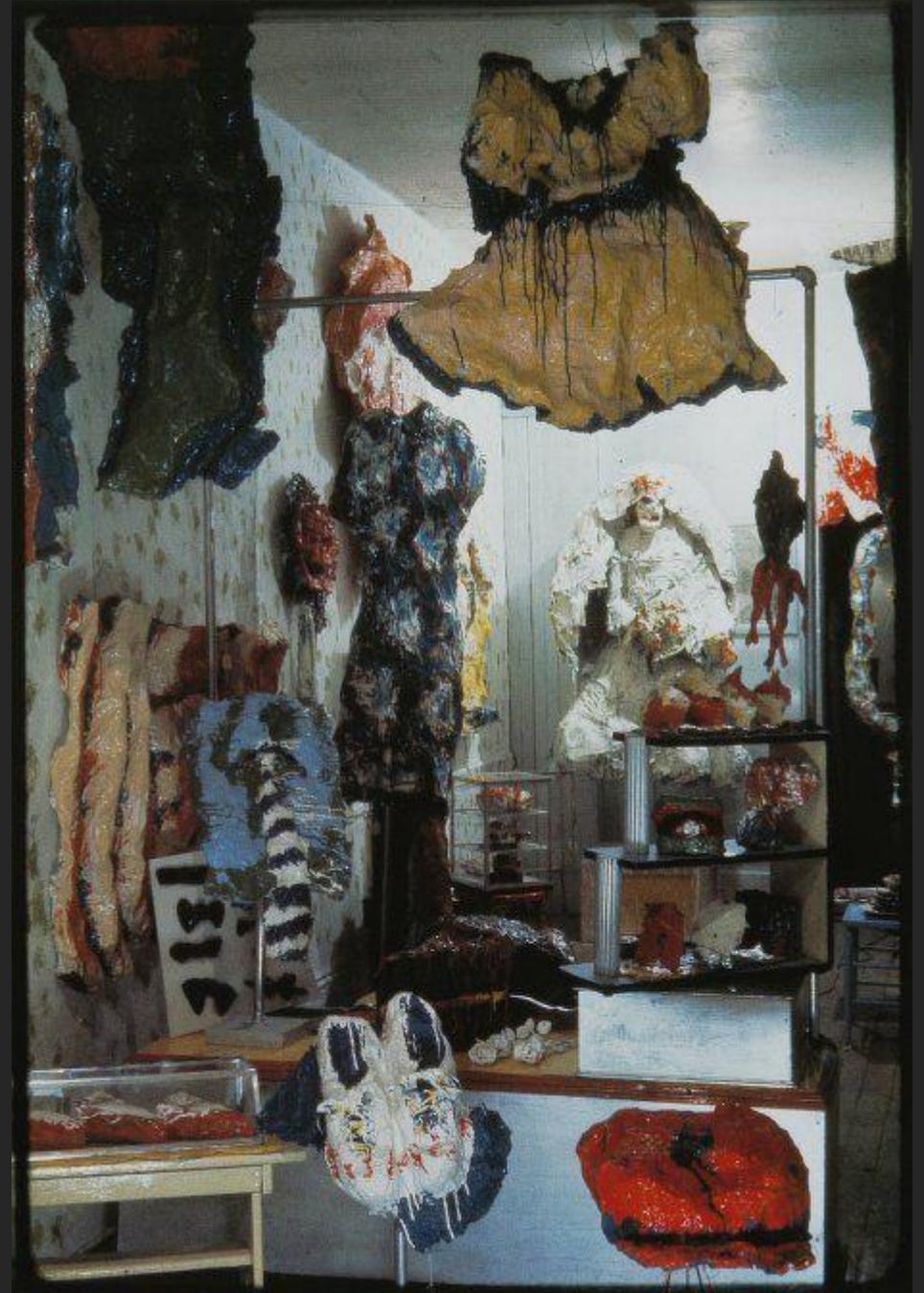
Alan Kaprow, (1927-2006).
Instala, em 1956, a “Penny
Arcade” na Hansa Gallery.
Com isto o percurso das
Instalações está sendo
pavimentado.



Em 1961, faz uma
instalação/performance com
pneus usados.



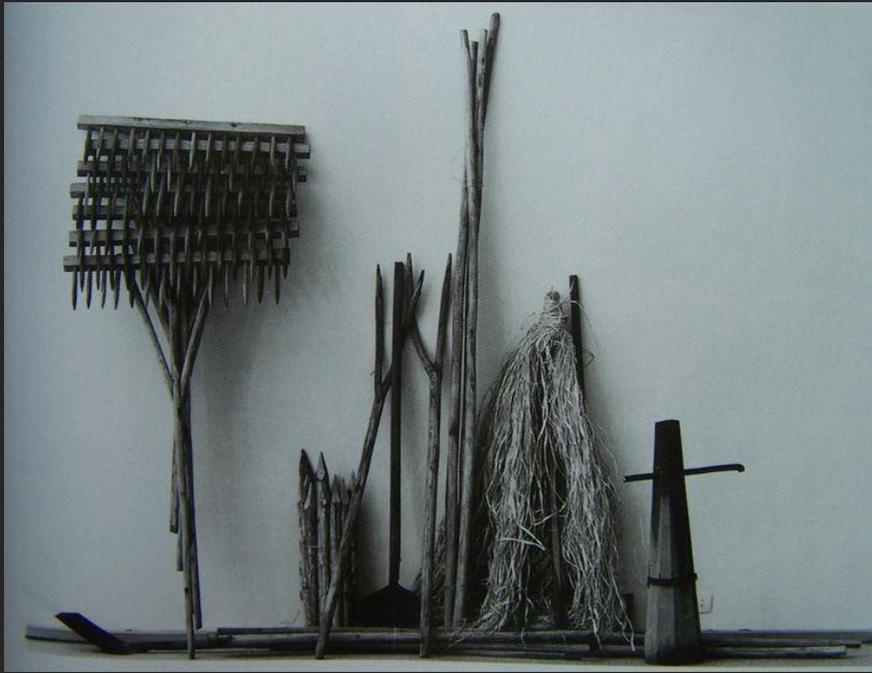
Claes Oldenburg, (1929-).
Em 1961 converte seu
estúdio em “The Store”,
uma “loja” na qual mostra
objetos resinados como se
fossem produtos expostos à
venda.



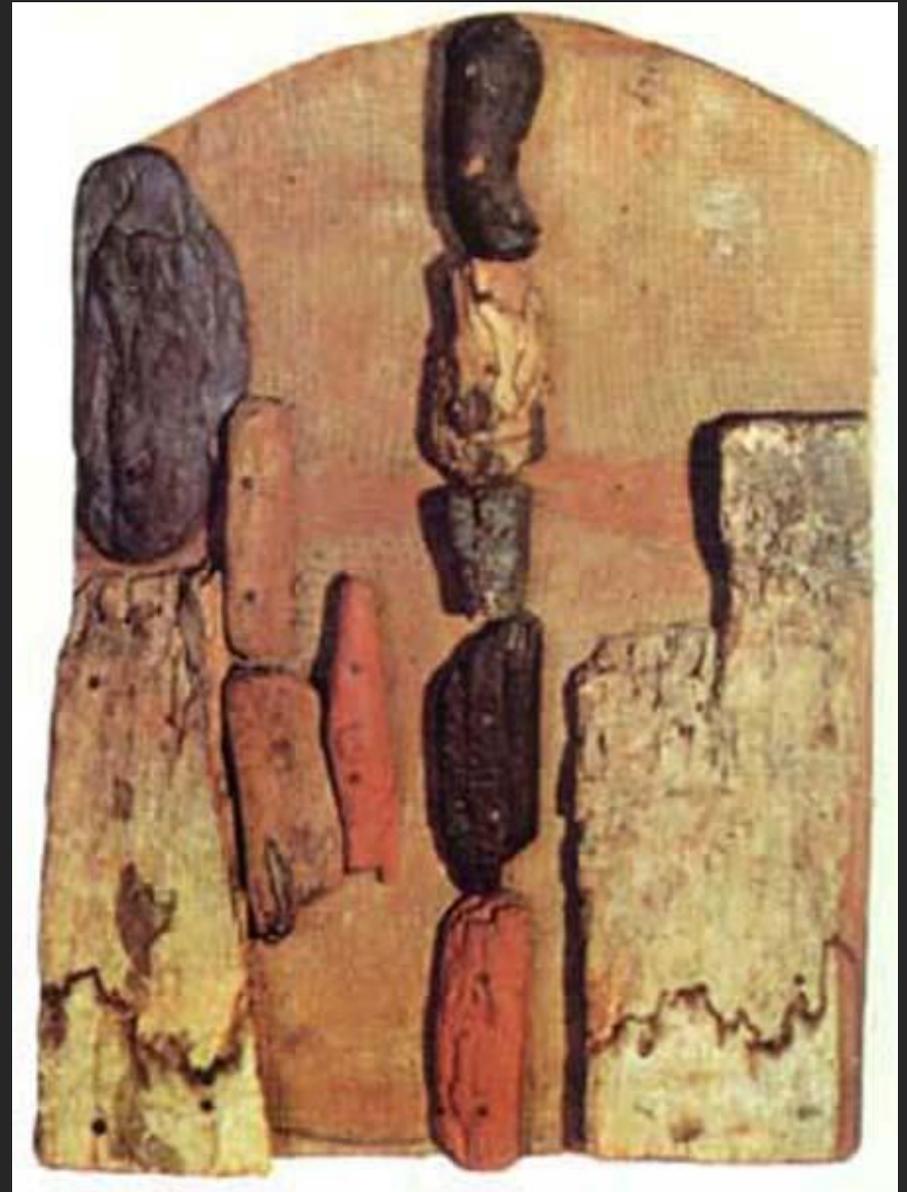
Nesse caso tanto ambiente confinado quanto o natural passam a suportar a manifestação artística como tal. Mas há um problema, tudo o que é instaurado no meio ambiente natural está sujeito as intempéries e vicissitudes locais e, se não for realizado com materiais duráveis, tende a desaparecer num período de tempo relativamente curto, então, as transformações pelas quais a obra passa, também integram sua estrutura de significação, mesmo que seja transitória.

Esta transitoriedade temporal passa a ser uma das características das obras como as da Arte Povera instauradas da década de 1960 a partir da Itália. Como as obras de Pino Pascali.





As origens da Arte Povera ou Arte Pobre podem ser identificadas já nas proposições dadaístas de Hans Arp quando se apropria de materiais descartados e os eleva ao status de Obra de Arte.



Hans Arp, Estudo de um Dadaísta, 1920.

O crítico e curador italiano Germano Celant batiza de Arte Povera a tendência de trabalhar com materiais descartáveis ou descartados como Alighiero Boetti, (1940-1994). Artista italiano que desenvolveu obras de caráter performáticos e instalações “Poveras”, como “Plano de Jogo de 1967:



Cubo, 1968.

De todo modo as manifestações decorrentes do Dadaísmo, por exemplo, acabam reverberando na Arte Contemporânea.

A meu ver o Dadaísmo foi a matriz geradora da maioria das intervenções, apropriações, ocupações e instalações que ocorrem nas décadas de 1920, 30, 40, 50, 60 e daí em diante.

Não é possível negar que foi um dos marcos da Vanguarda Artística do século XX que permanece até o século XXI.

Quem quiser entender melhor as manifestações contemporâneas precisa voltar ao passado e recuperar as lições que a Arte anterior nos deu.

Independente de gostar ou não, ao estudioso não é permitido fazer com que seu gosto ou preferências pessoais interfiram na busca do conhecimento, a pesquisa é feita a partir de problematizações que instauram buscas e caminhos e, nem sempre, os caminhos chegam onde se espera...

Atividades de Reforço e apoio Pedagógico.

Leitura e Resumo deste material.

Leituras de Apoio e consulta:

ARGAN, Giulio Carlo. História da Arte Moderna. Capítulo 7

ARGAN, Giulio Carlo, FAGIOLLO, Maurizio. Guia da História da Arte.

GOMBRICH, E. História da Arte, Capítulos 25, 26, 27 e o pós-escrito.

UMBERTO Eco. Obra Aberta.

[http://www.artevisualensino.com.br/index.php/t](http://www.artevisualensino.com.br/index.php/extos)
[extos](http://www.artevisualensino.com.br/index.php/extos)

Questões de Reforço.

1. O que são Intervenções e Instalações segundo esta unidade de conteúdo?
2. Quem criou o conceito de “Obra Aberta”, quais suas características? Cite um artista que usa essa Estratégia Discursiva.
3. O que é Instalação e quais são suas características?
4. O que é Performance e quais suas características?
5. Como as manifestações de Instalações e Performances são consolidadas no contexto contemporâneo?

*“A Arte é a única forma
de atividade por meio da
qual o ser humano se
manifesta como
verdadeiro indivíduo”.*

Marcel Duchamp